

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 1 - O crime da Praia dos Ossos

Branca Vianna: Olha que... vai ser aquela lá, hein.

Flora Thomson-DeVeaux: Será?

Branca Vianna: Ou essa aqui?

Flora Thomson-DeVeaux: Não, essa da direita, não.

Branca Vianna: Essa aqui, não?

Flora Thomson-DeVeaux: Essa aí, não sei.

Branca Vianna: Essa gravação foi feita em junho de 2019. Naquele mês, eu fui pra a Búzios com a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora deste podcast.

Branca Vianna: Não, tinha dois andares. Mas isso dá pra fazer, né?

Flora Thomson-DeVeaux: É.

Branca Vianna: Era a primeira vez da Flora lá, e a minha primeira vez depois de muitos anos. Mas a Praia dos Ossos continuava do jeito que eu me lembrava, com aquela cara de vila de pescador cenográfica.

Flora Thomson-DeVeaux: Pode ser essa.

Branca Vianna: Não tinha esse muro aqui, eu acho.

Branca Vianna: A gente ficou a maior parte do tempo de costas pro mar, examinando uma fileira de casas a poucos passos da areia. Parecia que a gente tava tentando identificar o culpado naquelas filas de suspeitos na delegacia, sabe?

Flora Thomson-DeVeaux: Ai, gente, eu to com uma sensação muito esquisita depois de ter visto as fotos da cena do crime.

Branca Vianna: Depois de meses de apuração, finalmente a gente tava chegando perto. Aqui, numa das casas dessa praia, a Ângela Diniz foi assassinada em 1976.

Branca Vianna: Eu vou... não tem ninguém, a gente já sabe que não tem ninguém, então eu vou olhar por cima do...

Branca Vianna: Quase no final da prainha, a gente achou.

Branca Vianna: Tem um carro. É um carro? Não, não é um carro, não. Tem um guarda-sol...

Flora Thomson-DeVeaux: Eu acho que a casa não era tão grande.

Branca Vianna: Não, a casa foi estendida, né. Pra cima e pra trás.

Flora Thomson-DeVeaux: Se bobear nem tem aquele pátio mais onde ela foi morta... Mas eu não to reconhecendo nada.

Branca Vianna: Mesmo espiando por cima do muro, não dava para ver muita coisa. Mas dava uma sensação que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar. A sensação era de que, se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão.

Flora Thomson-DeVeaux: Vou ler o laudo do perito...

Da vítima: tratava-se de um cadáver do sexo feminino (já em início de rigidez cadavérica), de cor branca, aparentando 32 anos de idade, estando bastante impregnado de sangue coagulado.

Branca Vianna: Isso que você tá ouvindo é a descrição da cena do crime que motivou essa série.

Flora Thomson-DeVeaux: *Trajava biquíni azul, tendo, na região frontal, o desenho de uma cabeça de pantera, de cor preta.*

Branca Vianna: O biquíni estampado de pantera. Se fosse ficção, a gente ia achar exagero do roteirista. Isso porque a vítima, o cadáver do sexo feminino ali no chão, era a Ângela Diniz.

Ela costumava dizer: “sou rica, bonita e boa de briga.” E ela tinha também um apelido bem à altura desse combo. Era chamada de: “A Pantera de Minas”. Sabe essas pessoas que você não entende direito por que são famosas, mas estão sempre nas revistas? Ela era assim, desde a adolescência.

E eu vou dizer uma coisa já: se você tá pensando naquela mulher que foi à praia de biquíni quando tava grávida e escandalizou todo mundo, esquece. Aquela era a Leila Diniz, que era atriz e morreu num acidente de avião alguns anos antes.

A Ângela Diniz não era atriz, nem cantora, nem escritora. Mas era o que a gente chama hoje de celebridade.

Flora Thomson-DeVeaux: *Junto ao ombro direito da vítima, encontrava-se uma pistola automática, oxidada, da marca Beretta, calibre 7,65 mm, com o carregador vazio.*

Branca Vianna: A pistola Beretta tinha dono: Raul Fernando do Amaral Street. Raul, que todo mundo chamava de Doca, era de uma família paulista quatrocentona, que já tinha visto dias melhores, mas ainda era recebida nas festas da alta sociedade.

Na noite do crime, não fazia nem três meses que o Doca tinha deixado a mulher, Adelita

Scarpa, e os dois filhos em São Paulo e se mudado para o apartamento da Ângela em Copacabana.

A Ângela era desquitada e tinha três filhos, que moravam com o pai deles em Belo Horizonte. A Ângela e o Doca estavam prestes a comprar aquela casinha de pescador na Praia dos Ossos. Eles iam começar uma nova vida, mais simples, longe das badalações da ponte aérea.

Mas essa vida não durou nem dois dias. Logo no comecinho da noite de 30 de dezembro, eles brigaram, e o Doca puxou a Beretta. Depois, ele largou a arma no chão e fugiu.

Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos. E eu não tinha, como aliás continuo não tendo, nenhum interesse especial por histórias policiais. E muito menos por coluna de fofoca. O crime ficou famoso porque as pessoas envolvidas eram de coluna social.

Mas não foi isso que me chamou a atenção. Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres. E foi por isso que eu quis voltar a ele, mais de quarenta anos depois. Essa não é só uma história de coluna social. Mas não deixa de ser uma história sobre a imprensa.

A história é também sobre o sistema judiciário brasileiro. Sobre como nasce uma mobilização. Sobre como as mulheres viviam e morriam neste país. E como elas continuam vivendo e morrendo. Essa é a história de uma mulher, da morte dela, e de tudo o que veio depois.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o Praia dos Ossos.

Episódio Um. O Crime da Praia dos Ossos.

Este primeiro episódio é sobre um fato penal, como dizem nos autos: o assassinato de Ângela Maria Fernandes Diniz, por Raul Fernando do Amaral Street.

Vamos conhecer eles dois melhor ao longo da série. Mas neste primeiro momento, o que importa é a história do crime. Como ela nasceu e o que ela virou. E pra entender isso, a gente precisou vasculhar a cobertura da época.

A pesquisa pra este podcast começou em janeiro de 2019. Foram mais de sessenta entrevistados, centenas de reportagens, mais os autos do processo, e a gente visitou todos os arquivos e acervos de rádio e tevê possíveis.

Mas infelizmente muita coisa se perdeu, principalmente o acervo das emissoras de rádio.

Locutor: *Polícia à caça do assassino de Ângela Diniz.*

Branca Vianna: Pra contornar essa falta de registros sonoros da época, a gente pediu para um locutor ler notícias de jornais impressos.

Locutor: *Toda a polícia da Região dos Lagos do estado do Rio está mobilizada desde a madrugada de ontem para a captura do industrial paulista Raul Fernando do Amaral Street, acusado de assassinar Ângela Diniz, a "pantera de Minas", numa residência de*

veraneio na praia de Búzios.

Branca Vianna: O crime aconteceu no dia 30 de dezembro de 1976. Os meios de comunicação do país inteiro mobilizaram repórteres para cobrir o caso. Tinha câmera pra receber o corpo da Ângela em Belo Horizonte. Tinha câmera dentro da igreja na missa do sétimo dia dela. Tinha câmera até do lado da cova na hora do enterro, tanto que um dos filhos dela jogou uma pedra no cinegrafista.

Tudo foi filmado e transmitido. Mas o Doca não era visto desde que arrancou com o carro na noite do crime. Enquanto isso, Búzios estava às voltas com a notícia mais escandalosa desde que a Brigitte Bardot resolveu fazer topless ali nos anos '60.

Hoje em dia, Búzios é quase um estacionamento de cruzeiros. Mas há 43 anos, não passava de uma vilazinha de pescadores, com praias estonteantes e desertas. E só dava pra chegar lá de barco ou então por estrada de terra.

Naquela época, Búzios não era nem município ainda. Fazia parte da cidade de Cabo Frio – por isso a investigação do crime foi tocada pela delegacia de Cabo Frio. Alguns meses antes do assassinato da Ângela Diniz, o delegado da cidade tinha declarado para a imprensa que aquele ia ser um verão “diferente”.

Locutor: *O Fluminense, 12 de novembro de 1976. Ao jornal Estado do Rio, o delegado Newton Watzl adiantou os principais problemas a serem atacados: furtos, "hippies", comércio ambulante, assaltos, tráfico de tóxicos e ônibus de excursionistas.*

Branca Vianna: Híppies, tóxicos, ambulantes, e ônibus de excursionistas: essas eram algumas das preocupações principais do delegado Watzl. Aí um assassinato de repercussão nacional cai no colo dele. E os ônibus de excursionistas não demoraram a aparecer em frente à casa do crime.

O delegado – que já morreu – falou que prender o Doca seria “uma questão de honra” para a polícia de Cabo Frio.

Locutor: *Folha de S.Paulo. Ao saber do crime de Búzios [...] o delegado Newton Watzl abriu inquérito, mandou fechar as barreiras e avisou as polícias de Macaé, Araruama e outras cidades próximas, para que detivessem o Maverick com placa de São Paulo em que Doca fugia, vestindo apenas sunga.*

Branca Vianna: Mas o Doca tinha sumido na noite. E ele ficou semanas sumido. A imprensa tava pressionando, e a polícia do Rio e de São Paulo saiu procurando pelas casas de praia e fazendas da família e dos amigos dele. Finalmente, no dia 16 de janeiro, 17 dias depois do crime, o Doca apareceu. Mas apareceu pra TV Globo, não pra polícia.

O advogado do Doca na época, Paulo José da Costa Jr., escreveu sobre isso nas memórias dele. Disse assim: “Ficou combinado que Doca seria apresentado à imprensa, e não à polícia.” Os advogados até escolheram quem seria o repórter, que foi até ele num sítio isolado no

interior de São Paulo.

Doca Street: Eu realmente amava muito a Ângela. A Ângela é uma mulher que marcou muito a minha vida. Ela me deixou... fora de mim, abandonei mulher, abandonei filho. Não tô te falando isso pra te emocionar. Tô te contando a verdade.

Branca Vianna: Na mesma época, ele também falou pra revista *Manchete*.

O entrevistador foi o jornalista Salomão Schwartzman. A gente entrou em contato com Salomão, mas ele já estava mal de saúde e morreu poucos meses depois.

O texto que saiu do encontro dele com o Doca é uma mistura perfeita de coluna social e reportagem policial. A descrição do assassino soa como um ensaio de moda meio trágico. Olha só:

“Raul Fernandoca Street, 42 anos, um metro e oitenta de altura, vestindo um conjunto de jeans desbotado, chapéu panamá, calçando elegante par de botas e óculos escuros que tira, neste instante, para estender-me a mão. [...] Doca parecia um farrapo de gente.”

Só queria dizer que essa reportagem ganhou uma menção honrosa no Prêmio Esso de 1977. O objetivo da reportagem da *Manchete* era dar espaço pro Doca abrir o coração. A primeira aspa dele é esta:

“Sei que estou vivo porque sofro. Sofro a saudade de Ângela, sofro o amor alucinado que lhe dediquei. Jamais conseguirei amar alguém como amei Ângela Diniz. E quero morrer.”

A reportagem da *Manchete* fala sobre o crime. Mas também tem muita informação sobre a biografia do Doca até aquela noite em Búzios. A gente aprende que ele foi salva-vidas em Miami e secretário de um diplomata saudita em Washington.

Doca fala da ex-mulher Adelita e dos dois filhos. Se diz arrependido, “morto por dentro”. Mas, mesmo assim, ele não assume toda a culpa da tragédia. Nas palavras dele:

“Eu quis dar à Ângela uma outra imagem, queria que ela vivesse outra vida, que tornasse a ter os filhos perto dela, como verdadeira mãe. Ela me prometeu que mudaria o seu comportamento, mas, infelizmente, a bebida acabou estragando o nosso amor.”

As entrevistas do Doca eram um tapa na cara da polícia, que tinha sido incapaz de pegar ele. Nesse meio-tempo, seus advogados organizaram todos os detalhes para que ele se entregasse – só que ainda não na delegacia de Cabo Frio.

Na manhã do dia 18 de janeiro de 77, logo depois das entrevistas, o Doca deu entrada numa clínica médica em São Paulo – e foram os médicos dessa clínica que ligaram para a polícia.

Radialista: Doutor Edmundo Maia, diretor da clínica Maia, localizada em Taboão da Serra. Foi nessa clínica que Raul Fernando Street chegou pela manhã e procurou

internação. E como é que ele estava?

Dr. Edmundo Maia: Deprimido, intoxicado, em estado de pré-coma alcoólico.

Branca Vianna: Quando o Doca chegou no aeroporto de Congonhas pra embarcar pro Rio, já tinha um enxame de jornalistas pra registrar o momento. Mas não deu para fazer muita pergunta.

Radialista: Fernando, está ouvindo? Está ouvindo, Fernando? *É, ele tá sedado.* Está sendo carregado pelos dois investigadores do DOPS.

Branca Vianna: Esse áudio é da Jovem Pan. O Doca estava sendo carregado por dois policiais, e praticamente arrastava os pés.

Radialista: Não tem a menor condição... Que horas você chegou, Raul Fernando, na clínica hoje? Com quem você chegou, Fernando? [...] Realmente não responde a uma só indagação, está inteiramente abobalhado.

Branca Vianna: “Inteiramente abobalhado.” Esse estado “abobalhado” do Doca se devia a uma combinação de calmante com duas garrafas de whisky. Os remédios foram receitados na clínica. O whisky ficou por conta do próprio Doca.

Técnico: Alô alô, alô alô, som ambiente da chegada do Doca em frente à delegacia de Cabo Frio.

Branca Vianna: No dia seguinte, em Cabo Frio, o delegado Watzl estava a postos pra receber o Doca. E não estava sozinho.

Paulo “Badhu”: Em volta da delegacia [...] não passava nem um mosquito [...] de tanta gente que tinha.

Branca Vianna: Esse é o Paulo Roberto Pereira, também conhecido como Paulo Badhu, um advogado de Cabo Frio que fez parte da defesa do Doca. Até agora, tudo nesse caso vinha sendo filmado e coberto obsessivamente. Então a gente não ficou tão surpresa assim quando a gente soube como o Paulo Badhu foi contratado pela defesa.

Paulo “Badhu”: Porque eu fui entrevistado como advogado, o que é que achava do crime e tal. Eu digo: “eu não conheço, mas algo deve ter acontecido, né?” Alguma espécie de defesa dele. Ele tava lá escondido e viu na televisão. Então, quando ele chegou aqui, ele chegou na delegacia e pediu ao delegado doutor Newton Watzl: “eu queria que o senhor me chamasse aquele advogado que se apresentou antes de ontem na TV Globo.

Branca Vianna: A gente foi conversar com o Paulo Badhu na casa dele, em Cabo Frio. Em cima do aparador da sala, entre as fotos da família, tinha duas do Badhu com o cliente mais ilustre dele, o Doca. A primeira medida do Paulo Badhu foi tentar tirar o Doca da cadeia.

Branca Vianna: O senhor tava contando como eram as condições da delegacia.

Paulo “Badhu”: Eram péssimas. Era muito suja. Muito suja. [...] E a gente tava querendo tirar ele dali. Tinha um estuprador chamado Marrom. E Doca fez amizade com ele, porque Doca era uma pessoa dócil. Ele só falava em “Ângela, meu amor. Ângela, meu amor”. Ele não acreditava que tivesse matado ela, a verdade é essa.

Branca Vianna: Como assim?

Paulo “Badhu”: Foi um pesadelo pra ele. Ele era realmente apaixonado por ela.

Branca Vianna: O Paulo Badhu conseguiu convencer o delegado Watzl de que o estado emocional do preso inspirava cuidados. Enquanto isso, o Badhu foi em busca da pessoa certa para livrar o Doca daquele pesadelo.

Paulo “Badhu”: E aqui eu apresentei a ele uma pessoa, que era meu amigo, que era um médico, vocês já ouviram falar, chamado Ivo Saldanha.

Ivo Saldanha: Eu sou psiquiatra e sou o Ivo Saldanha. Eu fui seringueiro, ambulante... Aí fui garçom de pensão, mensageiro dos Correios [...] Então essa é, é, essa é uma escola, a vida.

Branca Vianna: E o Newton tinha chamado porque o Doca tava na, tava preso na delegacia...

Ivo Saldanha: E tava com a ideia de fazer alguma coisa, alguma violência autodirigida.

Branca Vianna: Ele tava com ideias suicidas.

Ivo Saldanha: Tava.

Branca Vianna: Doutor Ivo tirou o Doca da cadeia e levou para o hospital da cidade.

Ivo Saldanha: Nós internamos, imediatamente chamei uma equipe e começamos a fazer uma sonoterapia nele.

Branca Vianna: E o que é a sonoterapia?

Ivo Saldanha: A sonoterapia é você fazer uma sedação no paciente, nesses momentos tumultuados, de estresse...

Branca Vianna: A sonoterapia não é comum hoje em dia, porque é praticamente um coma induzido. Pode até matar. Mas, naquela época, tava na moda. Tanto pra criminosos quanto pra vítimas. E Doca passou alguns dias dormindo.

Naquele mesmo ano de 1977, o Jece Valadão lançou o filme *Os Amores da Pantera*. A trama, supostamente ficcional, reencena a morte da Ângela Diniz retomando as especulações mais bizarras sobre o assassinato.

No filme, os amantes Rafael Stalck e Tamara, que não tem sobrenome, se envolvem com uma rede internacional de criminosos. E tem um traficante – chamado Jean-Paul – que é o verdadeiro assassino da Ângela. Quer dizer, da Tamara. O namorado da vítima, coitado, só leva a culpa.

Acontece que o roteiro do filme teve uma inspiração bem concreta. Lembra que, pro delegado Watzl, os maiores problemas da comunidade naquele verão seriam os hippies, os

excursionistas, os tóxicos e os ambulantes? Do jeito que ele via o mundo, o crime da Praia dos Ossos não podia ter explicação diferente. Um cara que brigou com a namorada e acabou matando ela não se encaixava na linha de investigação dele. Foi aí que apareceu mais um suspeito de envolvimento na morte da Ângela.

Locutor: *Jornal do Brasil. O delegado Watzl informou ter levantado a identidade de Pierre, o rapaz apontado como pivô do assassinio de Ângela, e que espera “a qualquer momento” sua presença na delegacia.*

Branca Vianna: Esse novo personagem, o tal Pierre, trouxe mais uma camada de intriga para o crime. Segundo uma versão, Ângela tinha ficado com ele no dia do crime – e, por isso, o Doca matou ela. Outra história era que o Pierre vendia drogas pro casal – e essas drogas teriam enlouquecido o Doca a ponto de fazer ele matar a Ângela.

Locutor: *Jornal do Brasil. Quem é Pierre? Para uns, um rapaz alto, dono de uma lancha e um bugre gelo, morador de Ipanema. Para outros, um turista francês. Há ainda a versão segundo a qual é um traficante de cocaína.*

Branca Vianna: Quando o Doca voltou da sonoterapia para a cadeia, umas duas semanas mais tarde, o Watzl ficava chamando ele para tomar uns cafezinhos, e insistindo pra ele confessar. Não pra confessar que tinha matado a Ângela. Isso já tava mais do que confessado.

Mas o delegado não acreditava nessa confissão. Ele defendia a tese de que os verdadeiros assassinos eram traficantes – talvez o tal do Pierre – e que o Doca estaria acobertando os bandidos por medo de morrer também.

A polícia de Cabo Frio levantou mais de dez rapazes chamados Pierre, mas nenhum deles batia com a descrição nos jornais. A dificuldade de se encontrar o verdadeiro Pierre tinha uma razão simples: não tinha nenhum Pierre.

O tal Pierre tinha surgido no depoimento de uma das empregadas da casa, na segunda ou terceira vez que ela foi interrogada. Não tem como saber o que passou na cabeça dela, porque logo depois ela própria desmentiu a história, e ela já morreu. Mas fato é que, mesmo sem mais evidências, os jornais e o delegado Watzl pegaram a bola e correram com ela, levantando uma pá de especulações.

É difícil entender por que a história do Pierre durou tanto. Eu só consigo pensar que talvez tivesse uma vontade generalizada de achar algum motivo pro crime além do ciúme exagerado do Doca. O francês misterioso chegou pra preencher esse buraco, fornecendo uma traição. Um crime que a Ângela teria cometido, e que custou a vida dela. E, de quebra, ainda inspirou um roteiro do Jece Valadão.

A gente entrevistou uma das amigas da Ângela, xará dela, Ângela Teixeira de Mello. E claro que, entre outras coisas, a gente perguntou se ela lembrava do Pierre.

Ângela Teixeira de Mello : Não, nem um pouco.

Branca Vianna: Quer dizer, nem um pouco, o cara não existia ou nem um pouco, você não lembra?

Ângela Teixeira de Mello : Não, nem um pouco esse cara existia. Não tinha Pierre.
[risos]

Branca Vianna: As Ângelas já se conheciam há alguns anos.

Ângela Teixeira de Mello : Eu acho que, eu tava tentando me lembrar. Eu conheci ela no Antonio's. Era um bar que tinha aqui no Leblon, a gente se conheceu lá...

Branca Vianna: E elas ficaram amigas rapidinho.

Ângela Teixeira de Mello : Quando ela chegava, ela chegava, né. Era uma mulher interessante, era uma mulher de papo, de gargalhada, de... Uma generosidade enorme. E, logicamente, também sedutora. Uai, por que não?

Branca Vianna: Aí, no final de '76, as duas Ângelas resolveram passar o Réveillon na mesma prainha em Búzios, a Praia dos Ossos. A Ângela Teixeira de Mello estava com o filho e o namorado, a Ângela Diniz, com o Doca. Os dois casais passaram a manhã do dia do crime juntos na praia.

Ângela Teixeira de Mello : Mas, nesse dia na praia... eu fiquei ali, junto, rindo. E bebeu-se, bebeu-se, realmente bebeu-se. Mas uma coisa normal... Eu não vi nada, nada que compromettesse.

Branca Vianna: E nem nada que sugerisse o que ia acontecer. Sobre a teoria Pierre, a Ângela Teixeira contou que o Doca marcava tão cerrado que seria impossível que a Ângela Diniz sáisse pra encontrar quem quer que fosse.

Ângela Teixeira de Mello : Ciúme assim, entendeu. Olhar, ficava olhando pra quem ela tava olhando... Mas ele, sempre, sem perdê-la de vista, né.

Branca Vianna: Já que o Pierre tinha sido um boato, outra personagem foi chamada pro olho do furacão na investigação do crime. E dela, a Ângela Teixeira se lembra.

Ângela Teixeira de Mello : Aquela senhora loira...

Branca Vianna: A Gabriele Dyer?

Branca Vianna: Tem algumas Polaroids daquele dia. Dá pra ver no site da Rádio Novelo. De todas as fotos, uma ficou mais famosa. Nela, a gente vê a Ângela Diniz, sentada na areia, com a Ângela Teixeira do lado dela. Atrás das duas está o Doca, com as mãos pousadas no ar. Parece que ele acabou de ajustar o chapéu da Ângela Diniz.

E, do outro lado dela, tem uma mulher loira. Essa era a Gabriele Dyer, uma alemã que tinha chegado em Búzios fazia poucos meses. Aparentemente, ela ganhava a vida vendendo umas bolsas de pano que viravam tabuleiros de gamão. A gente até agora não entendeu como essa mágica da bolsa-tabuleiro acontecia, mas a Gabriele ia de praia em praia vendendo a

mercadoria. Ou seja: ela era bem o tipo de hippie-ambulante que o delegado Watzl queria enxotar da cidade.

Na manhã do dia 30 de dezembro, ela passou pela Praia dos Ossos e encontrou o grupo das Ângelas. Ela passou algumas horas com eles. E isso acabou dando motivo para muita especulação em torno da relação dela com a Ângela Diniz.

Sergio Chapelin: Uma tese: Ângela era uma mulher anormal? Empurrou a vítima para o crime?

Branca Vianna: Queria só chamar a atenção para a palavra vítima aqui. Estamos falando de um assassinato, né, de que a Ângela Diniz foi a vítima. Mas nessa versão, parece que a Ângela teria empurrado o Doca para fazer o que ele fez. E aí, a vítima seria ele.

Mas o que a Ângela teria feito de tão terrível? Pelo jeito, a imprensa achava que a alemã tinha a resposta. E a chave tava ali, na palavra “anormal”.

Repórter: Você teria notado no comportamento de Ângela alguma coisa que pudesse ser classificado como uma inclinação anormal, um certo encantamento por você?

Gabriele Dyer: No, nothing.

Repórter: Não, nada disso.

Gabriele Dyer: She was not that kind.

Branca Vianna: A Gabriele falava português bem mal. Mas isso não impediu que ela fosse interrogada várias vezes, em português, pela polícia e pela imprensa.

Gabriele Dyer: She came out of the water...

Repórter: Gabriele diz que ao sair da água, Ângela ainda discutia com Doca sobre o almoço. Ângela caminhou em direção a Gabriele e caiu sobre ela. Doca tentou ajudá-la a levantar-se, mas Ângela o empurrou. Gabriele acrescenta: "Quando caiu em cima de mim, eu me levantei e saí."

Gabriele Dyer: And she touched me, sexual wise. And I got up...

Branca Vianna: Aqui Gabriele aparece em um trecho do *Globo Repórter* especial sobre o assassinato da Ângela Diniz. O toque “sexual wise”, ou “de maneira sexual ou sensual”, foi a base para o argumento de que o Doca tinha sofrido uma ofensa irreparável. Ele não só tinha sido trocado, como tinha sido trocado por uma mulher.

Essa informação ia servir de base para a montagem do caso do delegado Watzl e também ia pavimentar uma das estratégias de defesa do Doca.

Mas os depoimentos traduzidos da Gabriele Dyer tinham várias contradições. Primeiro ela disse que a Ângela tinha tocado nela, depois se desmentiu. Depois confirmou de novo.

O delegado Watzl até ameaçou processar a Gabriele por falso testemunho. E ela culpava a tradução pela confusão. Nessas idas e vindas, a Gabriele ia ganhando peso na história e

virando uma semicelebridade.

Paulo “Badhu”: Ah, ela era muito simpática. Muito simpática ela. Todo mundo gostava dela. Ao contrário da falecida Ângela, ela era muito querida. Todo mundo gostava da Gabriele.

Branca Vianna: Só um parêntese aqui. Porque a gente perguntou pro Paulo Badhu o que ele queria dizer com isso, que as pessoas de lá não gostavam da Ângela.

Paulo “Badhu”: Ela andava de biquíni com vestido de rede, quer dizer, os peitos todos de fora.

Branca Vianna: Não conseguimos confirmar essas histórias em lugar nenhum. Mas meio que não importa se isso aconteceu ou não, porque é aquela história, né: reputação é tudo. E a reputação da Ângela era essa. Uma mulher meio perigosa.

Paulo “Badhu”: E aqui em Cabo Frio ninguém gostava dela, não.

Branca Vianna: “Avançada.”

Paulo “Badhu”: É que, não sei se Cabo Frio tava atrasado, ou se ela tava adiantada demais. Que ela ia pra Europa, ia pra Paris. Paris é muito avançado, então...

Branca Vianna: Paulo Badhu falou várias vezes sobre essa coisa de ela fazer topless. Numa hora, ele falou assim: “Ângela era bonita, mas não era simpática.”

É engraçado, porque quem realmente fazia topless, além da Brigitte Bardot, era a Gabriele. Tem foto e tudo. E isso aparentemente não incomodava. Se a Ângela era a “Pantera de Minas”, a Gabriele agora era “a alemãzinha de Búzios”. E como as revistas não perdem tempo, ela posou nua para a revista *Status* e apareceu na *Fatos e Fotos* dando dicas de gamão.

Todas as incoerências dos depoimentos criaram uma super expectativa sobre o que que a Gabriele ia dizer no tribunal. Mas cinco meses depois do crime ela simplesmente desapareceu.

Paulo “Badhu”: Ela sumiu. Até hoje não apareceu nada dela.

Branca Vianna: Ela não caiu no mar, fazendo uma escalada?

Paulo “Badhu”: Ninguém sabe, ninguém viu. Sumiu. Sumiu, de repente sumiu. Não sabe se ela voltou pra Alemanha. Ela sumiu. Porque ela ficou também muito assustada, coitada. Toda hora eram milhões de fotógrafos atrás dela, né?

Branca Vianna: Por incrível que pareça, a versão mais redonda da história é a seguinte: a Gabriele saiu para passear com uma amiga por uma trilha bem complicada, numa encosta da praia da Ferradurinha – e acabou dando um passo em falso, caiu de um penhasco, bateu com a cabeça e morreu no mar.

Essa é a versão que a amiga que estava com ela no dia, a argentina Mercedes Avellaneda, deu pra polícia na época. A gente chegou a conversar com a Mercedes por telefone, e, na nossa conversa, ela confirmou tudo o que disse à polícia lá atrás. Mas ela é tão traumatizada com a história até hoje que não quis gravar entrevista pro podcast. Na época do acidente, a Mercedes tinha só 17 anos, e decidiu voltar pra Buenos Aires logo depois. As buscas duraram alguns dias, mas o corpo nunca apareceu. E o sumiço de uma suposta pivô do crime obviamente abriu mais uma série de especulações.

Bom, vamos supor que a Ângela tivesse traído o Doca com o Pierre, ou que o Pierre tivesse drogado os dois, ou que a Ângela tivesse tentado seduzir a Gabriele. O que essas três histórias têm em comum é que elas amenizam a culpa do Doca. No limite, ele teria motivo para matar. A Ângela tava morta e enterrada em Belo Horizonte. Mas o Doca continuava lá, sofrendo. E ganhando a simpatia das pessoas. Entre elas, uma muito importante.

Paulo “Badhu”: Doutor Watzl era um delegado maravilhoso. Prendia bandido. Ia na casa dos bandidos, não tinha medo de nada. E, com as pessoas de bem, ele tinha outro tratamento. Foi o caso do Doca.

Branca Vianna: Lembra do Salomão Schwartzman, o jornalista da *Manchete* que foi entrevistar o Doca no sítio onde ele estava escondido? Depois ele foi visitar o Doca, que já tinha saído da sonoterapia, e tava de volta na cadeia de Cabo Frio. E aproveitou para conversar com o delegado Watzl. O delegado disse que tinha lido aquela entrevista arranjada pelos advogados do Doca. E gostou. Disse que tinha mexido com ele, que tinha um apelo romântico. Ele diz: “É como se o Doca fosse um Dom Quixote moderno dentro do nosso mundo materialista.”

A nova história era assim: o Doca era um apaixonado que perdeu a cabeça num momento de desespero e fez, do nada, algo totalmente fora do perfil dele. É o que chamam de crime passional. Mas a gente sabe que o relacionamento tinha ficado tóxico bem antes daquele dia na praia.

Várias pessoas confirmaram que o namoro não ia bem. E não só os amigos da Ângela. As empregadas que trabalharam para o casal nos poucos meses em que eles ficaram juntos deram relatos parecidos.

Uma dizia que a Ângela apareceu machucada, sangrando. Outra, que o Doca não deixava ela sair do quarto. A manicure contou que a Ângela aproveitava as horas que o Doca ia no banheiro para ligar pros amigos.

Fritz d’Orey: Ela me contava tudo que acontecia na vida dela.

Branca Vianna: Uma das pessoas para quem a Ângela aproveitava para ligar nessas horas era o Fritz d’Orey, um dos melhores amigos dela.

Fritz d’Orey: Ela era muito inteligente, e era muito self-centred, né? Quer dizer, ela era a rainha de tudo, onde ela... Onde ela entrava, ela era o centro.

Branca Vianna: Eles eram amigos muito próximos. De todas as pessoas com quem a gente conversou, ele foi o que pareceu mais emocionado até hoje ao falar dela.

Fritz d'Orey: Quantas vezes a gente foi em restaurantes e coisas assim, e ficavam todos olhando... [risos]

Branca Vianna: E ela gostava disso também, né?

Fritz d'Orey: Eu não sei. Ela era muito sofrida ao mesmo tempo, sabe? Porque, quando ela estava com as pessoas, ela estava sempre rindo, isso e aquilo, e aquilo era meio falso, na minha opinião. Comigo às vezes ela chorava até. Quantas vezes ela chorou comigo...

Branca Vianna: O Fritz conhecia o Doca desde a infância. Ele também é paulista, e as famílias eram amigas. Quando a Ângela começou a falar em terminar com o Doca, o Fritz ficou preocupado.

Fritz d'Orey: Na véspera de ela morrer, ela me falou: "ele está no banheiro agora. E... eu já falei para ele que eu não quero mais, mas ele não aceita, e isso e aquilo, me põe fechada no quarto, já me bateu várias vezes, eu não aguento mais!" Eu falei: "então não vai para Búzios, Ângela!" "Não, não, eu vou acabar com ele lá em Búzios, vou terminar com ele lá em Búzios." [suspira] Eu falei: "não vai para Búzios, Ângela, fica aqui!"

Branca Vianna: Mas a Ângela foi pra Búzios. E o que aconteceu depois a gente já sabe. A gente tentou remontar exatamente a cena do assassinato. Mas não é simples. A versão do Doca a gente tem, bem detalhada, em mais de quatrocentas páginas do seu livro *Mea Culpa*.

Mas a única testemunha do crime que ainda está viva é a Ivanira Gonçalves de Souza, a copeira, que tinha 17 anos na época. Ela nos recebeu na casa dela em Búzios para tentar contar o que ela lembrava do dia.

Branca Vianna: Oi, boa tarde. Tudo bem?

Ivanira Gonçalves de Souza: Tudo bem. Vocês não querem ir lá na Praia dos Ossos?

Branca Vianna: A Ivanira tinha trabalhado na casa da Praia dos Ossos desde os 12 anos. Mas a casa tinha sido vendida, e ela foi apresentada aos novos patrões: a Ângela e o Doca.

Ivanira Gonçalves de Souza: Olha, eu conheci a Ângela, deixa eu me lembrar, ela... se apresentou como dona da casa.

Branca Vianna: O patrão antigo explicou que a nova proprietária da casa, a Ângela, pretendia manter os mesmos empregados.

Ivanira Gonçalves de Souza: E aí, ele conversou comigo e com o meu pai que ele queria que a gente continuasse trabalhando. Só que tem pessoas que... acham que a minha sinceridade é falta de educação. E quando ela se apresentou, eu falei pro meu patrão o seguinte: "eu não vou trabalhar para essa mulher." Aí ele falou: "mas como? Ele não tem como arranjar outra pessoa." Aí eu falei: "Eu não vou trabalhar para ela

porque eu não gostei da cara dela. Aí ela foi e me chamou de sem educação e atrevida.

Branca Vianna: A gente perguntou por que a Ivanira não tinha gostado da Ângela, e ela disse que a Ângela não tinha feito nada. Mas que tinha o nariz em pé. Depois desse desentendimento, a Ângela foi atrás da Ivanira e pediu pra ela trabalhar só no Réveillon, até que ela arranjasse outra pessoa. A Ivanira topou.

Ivanira Gonçalves de Souza: E depois eu tive que ver o que eu vi.

Branca Vianna: A gente sentou na varanda da casa dela, e Ivanira pegou umas caixinhas de remédio de cima da mesa pra usar como maquete da casa, pra explicar o espaço e a movimentação das pessoas. No meio da explicação dela, começou a ventar e chover.

Ivanira Gonçalves de Souza: Ela sentou no banco de alvenaria, e aí ela começou a discutir com ele, e ele tentando acalmar, não conseguia acalmar ela, aí ela... Foi na hora que ela, *e/e* se ajoelhou... aí ela foi e mandou ele embora.

Branca Vianna: Depois da cena na praia com a Gabriele, eles tinham tido uma briga física. Depois de meses de ciúmes e tapas, a Ângela resolveu que não queria mais. Ela ia entrar em 1977 sem o Doca.

Branca Vianna: Você ouviu ela mandar ele ir embora.

Ivanira Gonçalves de Souza: Ouvi.

Branca Vianna: Ela falou o quê? “Não quero mais ficar com você...”?

Ivanira Gonçalves de Souza: “Não, eu não quero mais ficar com você, você vai embora.” E aí o que que ele fez? Ele tava com uma bolsa, ele pegou uma bolsa dentro do armário do quarto... Eu lembro, era uma bolsa marrom, de couro, meio que ele segurou assim. Ele só pegou a bolsa, e saiu, e ligou o carro.

Branca Vianna: O Doca pegou a bolsa, saiu da casa e foi até o carro. A discussão poderia ter terminado ali.

Ivanira Gonçalves de Souza: Então, eu nunca ia adivinhar que ali, dentro daquela pochete, tinha uma arma.

Branca Vianna: Sair de casa, assim, era na verdade uma encenação, era uma estratégia que o Doca já tinha usado algumas vezes para reverter uma situação de briga. Aparece várias vezes no livro de memórias dele. O advogado Paulo Badhu conta sobre o que se passou na cabeça do Doca naquela hora.

Paulo “Badhu”: Ele disse que ele saiu, que ele saía todas as vezes. Brigava com ela e aí dizia que ia embora, fingia que arrumava a mala... Depois chegava lá, ela agarrava ele, beijava, trazia de volta, aí iam transar. E nesse dia ela não fez. Ele ficou esperando na esquina.

Branca Vianna: Dessa vez, a tática não fez efeito. E o Doca voltou para a casa, com a pistola que estava dentro da bolsa. A Ângela foi e sentou de novo num banco da varanda. No livro, o

Doca conta que, naquele momento, ele pediu de novo para a Ângela aceitar ele de volta.

E ela disse que sim. Só que aí – de novo, segundo ele – ela acrescentou o seguinte: “Se quiser me dividir com homens e mulheres, pode ficar, seu corno.” E então ela teria pegado a bolsa do Doca e batido na cara dele. Doca escreveu que ele caiu com o golpe da Ângela, a bolsa se abriu, e a pistola caiu no chão.

Ivanira Gonçalves de Souza: E aí, quando ele levantou... Aí foi tiro pra tudo quanto foi lado. Ela não deu um ai.

Ângela Teixeira de Mello: Quando eu tô tomando banho, eu só escuto assim uma curva, um carro, um barulho horrível, e a babá entrou correndo e falou: “Dona Ângela, passou um carro aqui que quase pegou a gente.” E nesse momento chegou o caseiro da Ângela, berrando: “Dona Ângela, dona Ângela, dona Ângela morreu.” E o Dadinho não deixou eu sair, né. Ele foi lá...

Branca Vianna: Ele foi lá ver o que tinha acontecido?

Ângela Teixeira de Mello: É, o que tinha acontecido, porque era muito perto, né. E foi aí que eu soube, né.

Branca Vianna: E aí o que ele falou pra você, quando ele voltou?

Ângela Teixeira de Mello: Que tinha levado alguns tiros, que ela tava estirada. Pra eu não ver de jeito nenhum, não é.

Branca Vianna: As Ângelas tinham combinado de fazer a unha às 6 horas da tarde.

Ângela Teixeira de Mello: E foi muito triste, foi uma perda muito triste, muito brutal, né. Entendeu, de perder a vida ali, estupidamente. O que eu tenho, assim, muito na cabeça é isso: seis horas da tarde tava marcado.

Branca Vianna: De vocês irem fazer a unha, né. E por que você fica pensando nisso? Se vocês tivessem ido...

Ângela Teixeira de Mello: Podia ser diferente né, pela... pela... destino, né, o destino da vida, as coisas.

Branca Vianna: Desde o começo, não tinha uma única narrativa do crime. Com o tempo, as testemunhas foram se contradizendo, a especulação se misturou com as peças mais ou menos ficcionalizadas inspiradas pelo caso – e a história foi ganhando vida própria. A única coisa que é comum em todos os relatos, o que podemos chamar de verdade, é que a Ângela terminou o relacionamento com o Doca naquela noite. E a outra verdade incontestável é que ele matou ela.

Mas com o tempo, até esse fato foi saindo de cena. Depois de se entregar à polícia, o Doca ficou preso sete meses no estado do Rio até conseguir um habeas corpus. Aí foram mais meses e mais recursos, e o julgamento ia sendo adiado. Quanto mais o tempo passava, mais o assassinato sumia no horizonte. E, com ele, a Ângela Diniz também sumia como pessoa.

Surgiram camisetas com a cara do Doca. Um restaurante começou a servir “filé Doca Street”. E tinha até drink com o nome dele, que era servido com quatro balinhas no copo.

Tem um texto da época, uma coluna da jornalista Cidinha Campos, que saiu no *Jornal dos Sports*, que diz assim:

"No começo, Ângela Diniz era a vítima. Quinze dias, depois virou o barco. Doca [...] passou a ser a vítima. É aplaudido pelo povo, virou mito. As mulheres já estremecem pelo coração de Doca. E foi Ângela quem foi assassinada, não sei se vocês se lembram. Em menos de um mês, ela foi promovida de mulher mais sexy a 'sapatão'. Eu não vou estranhar se, no final do julgamento, Doca seja condenado a pagar uma pequena multa apenas por ter caçado uma pantera fora da estação."

O Henfil, no *Pasquim*, foi mais sintético: "Tão quase conseguindo provar! Ângela matou Doca." O clima era esse quando o Doca se apresentou no fórum de Cabo Frio para ser julgado em '79, quase três anos depois do crime. Tinha uma legião de apoiadores à sua espera.

Sergio Chapelin: Alguns grupos ergueram cartazes e faixas de apoio a Doca Street.

Branca Vianna: No julgamento do Doca Street, a reputação da Ângela acabou virando uma prova contra ela. Aí, por causa disso, algumas mulheres começaram a se mobilizar. E, entre aquelas mulheres, tava a minha mãe.

Durante a pesquisa pra este podcast, a Flora descobriu um manifesto, que surgiu depois do julgamento, com o título de "Contra o machismo na sociedade brasileira". E, entre as quatrocentas e tantas assinaturas, a Flora achou o nome da minha mãe, o nome da minha irmã, e o meu.

Eu tinha 17 anos naquela altura, e não tenho a menor lembrança de ter assinado aquele texto. A minha mãe deve ter botado na minha frente e me mandado assinar. Mas foi curioso reencontrar aquela assinatura quarenta anos depois. Porque aquele manifesto e este podcast não deixam de ser duas tentativas de resposta à mesma pergunta:

Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói? Ou então dá pra dizer assim: Como uma mulher desarmada é morta com quatro tiros e vira a vilã da história?

É isso que a gente vai tentar responder no próximo episódio de Praia dos Ossos, acompanhando o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz.

Radialista: A Rádio Nacional, transmissão exclusiva do plenário.

Evandro Lins e Silva: Ela não podia admitir certos princípios. Ela queria a vida livre, libertina, depravada!

Evaristo de Moraes Filho: Absolvição deste homem pelos fundamentos que ele deseja, legítima defesa da dignidade... será mais um assassinato de Ângela.

Branca Vianna: Praia dos Ossos é uma produção da Rádio Novelo. Se você ficou curioso pra

saber um pouquinho mais, tem conteúdo no nosso site <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/> e nas redes sociais, sempre em @radionovelo. Pra não perder nenhum episódio, assina aqui o nosso feed.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora deste podcast. A Flora Thomson-DeVeaux é a responsável pela pesquisa e coordenou toda a produção; a montagem é da Laís Lifschitz. A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar.

A coordenação digital é da Kellen Moraes. Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre. A produção é da Claudia Nogarotto, e a captação pra esse episódio é do Estúdio Rastro, do Rodrigo Pereira, e do Caio Barreto, com transporte de Carlos Loureiro.

Pesquisa audiovisual de Antonio Venancio. Usamos áudio de arquivo da Jovem Pan, Rádio Nacional, e TV Globo; e a locução das reportagens de arquivo é do Ingo Ostrovsky. A identidade sonora do Praia dos Ossos foi composta pelo Pedro Leal David, e a finalização e mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessoa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café. A checagem foi do Érico Melo. A música “Anjo”, do filme *Os Amores da Pantera*, foi gravada pelo Tony Vargas, com letra de Chico Xavier e arranjo de Orlando Silveira.

Para esse episódio, agradecemos a ajuda de Marco, Nicolau, e Mercedes Avellaneda, Marialice Celidônio e Mario Sérgio Bacellar, Ivanira Gonçalves de Souza, Ângela Teixeira de Melo, Jacqueline Pitanguy, Paulo Roberto Pereira, Ivo Saldanha, Fritz D’Orey e Robin Dyer.

Obrigada e até a semana que vem.